

RESOLVE-ME OU TE DEVORO: UM CASO DE AFORIZAÇÃO

Rilmara Rôsy Lima¹

rilmaraarosy@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar algumas materialidades discursivas verbo-visuais presentes na edição número 640, ano 17, 1892, da *Revista Illustrada* do jornalista Ângelo Agostini e na pintura intitulada *Édipo Resolve o Enigma da Esfinge* (1808), alicerçaremos nossa análise dentro das novas abordagens epistemológicas da AD, principalmente, na teoria proposta e descrita por Dominique Maingueneau sobre aforização e sobreasseveração para investigarmos alguns mecanismos discursivos ocorridos nesse período político no século XIX, mais precisamente no governo do Marechal Floriano Peixoto.

Palavras-chave: aforização; destacabilidade, pequenas frases; litografias.

Abstract: This paper aims to analyze some verbal-visual discursive materiality present in issue 640, year 17, 1892, the *Illustrada Magazine* journalist Angelo Agostini and painting titled *Oedipus Solves the Riddle of the Sphinx* (1808), we basis our analysis within the new epistemological approaches to AD, especially in the theory proposed and described by Dominique Maingueneau on aforization and sobreasseveration to investigate some discursive mechanisms occurring in this political period in the nineteenth century, more precisely in the government of Marechal Floriano Peixoto.

Keywords: aforization; severability; short sentences; lithographs.

Introdução

A fundamentação teórica de nosso artigo será baseada nos conceitos teórico-metodológicos da Análise de Discurso de orientação francesa (doravante, vez ou outra, AD) que toma a leitura como um trabalho complexo da interpretação e como um dispositivo de análise.

¹ Aluna de doutorado em Linguística na Universidade Federal de São Carlos e bolsista FAPESP processo nº 2013/27157-7.

Essa complexidade deve-se ao fato de que no engendramento de materialidades discursivas (texto, discurso, imagem...) há a produção de efeitos de sentidos variados, efeitos estes que, essencialmente, não se desligam das condições de produção do dizer de uma dada época, de um dado lugar, de uma determinada instância ideológica em uma determinada superfície material.

Outro fator relevante no arcabouço teórico-metodológico dessa disciplina, desde sua irrupção no final da década de 1960 na França até os dias vigentes, é que esse dispositivo encontra-se em um constante ajustamento, debates e reflexões, em decorrência dos materiais e seus respectivos *corpora* analisados, do próprio olhar epistemológico, característico da AD, assim como outras questões históricas, políticas, sociais e tecnológicas. No livro *Ensaio em análise do discurso: questões analítico-teóricas*, mais precisamente no capítulo *Efeitos de sentido de pertencimento à Análise de Discurso*, o linguista Baronas (2011, p. 30) comenta que “[...] as transformações das análises de discursos são de algum modo o reflexo das mutações que o próprio discurso como objeto de estudo vem sofrendo”. No mesmo capítulo, há uma asserção de Courtine (1999) destacada pelo autor, que reforça o papel das mudanças emblemáticas ocorridas nos estudos da Análise de Discurso, advindas justamente das mudanças nos regimes das materialidades dos discursos, na qual afirma que:

Não se faz a mesma Análise do Discurso político, quando a comunicação política consiste em comícios reunindo uma multidão em torno de um orador e quando toma a forma de *talk-shows* televisivos aos quais cada um assiste em casa. Também não se faz a mesma Análise do Discurso independentemente dos preconceitos, das compartimentalizações sociais e ideológicas, das polêmicas antigas ou recentes; tudo isso exerce suas restrições sobre o discurso das ciências humanas, na escolha de seus temas, na definição dos objetivos, na produção de recortes formais. (COURTINE, 1999 *apud* BARONAS, 2011, p. 30-31).

Baronas (2011) acrescenta em suas reflexões novos caminhos em se fazer Análise de Discurso no seio acadêmico e entre os analistas de discurso, que vem ao encontro dos procedimentos de pesquisa que embasará este artigo. Vejamos sua observação sobre as mudanças ocorridas em relação aos estudos da Análise de Discurso:

Penso que nós, analistas de discurso na tentativa de dar conta do objeto multissemiótico em que se transformou o discurso nos últimos anos, passamos a lançar mão de outros dispositivos teórico-analíticos que não somente aqueles forjados no interior de nossa própria epistemologia. Ademais, há 30 anos bastava apreender o discurso como um intrincamento de um texto e de um lugar social; atualmente, na sociedade multimidiática em que vivemos, é preciso, além disso,

compreender, por exemplo, o papel, a natureza e a função da mídia na produção, circulação e recepção dos discursos. (BARONAS, 2011, p.31).

Portanto, dentro dessas novas dificuldades e abordagens, ao relacionar a epistemologia da AD aos objetos e às pesquisas em ebulições na academia brasileira, nossa proposta de análise² estará apoiada também nos trabalhos do linguista e pesquisador Dominique Maingueneau e de outros estudiosos brasileiros. O principal elemento epistemológico que a AD e os citados teóricos fornecem ao nosso trabalho são referentes aos conceitos sobre aforização, sobreasseveração, citação e destacabilidade.

Para Maingueneau (2012a), desde tempo longínquo, é comum encontramos enunciados breves e de fácil memorização como os *slogans*, provérbios, máximas etc, em nossas práticas discursivas. Por serem de fácil memorização e circulação, esses enunciados são reconhecíveis e repercutem no meio social coletivamente, dentro de um contexto ou sem uma origem fundadora específica, mas que ressoam sentidos diversificados.

Os enunciados curtos apresentam certas características com os enunciados curtos tradicionais, porém, possuem algumas particularidades que dissente dos enunciados tradicionais que são denominados de pequenas frases, segundo o teórico Maingueneau (2010a). Apoiando-nos em sua teoria, podemos afirmar que atualmente está se tornando uma prática corriqueira da mídia destacar/deslocar alguns tipos de frases de seus lugares de origem, fazendo-as circular em diferentes materialidades discursivas.

Nosso estímulo investigativo foi perscrutar que, em espaço reduzido de tempo, uma pequena frase pode circular rapidamente e excessivamente, sendo esmiuçada, argumentada, disseminada em jornais, revistas, internet, dentre outros. A partir dessa observação, buscamos explicações para analisar/entender esse fenômeno discursivo.

Segundo os estudos recentes de Dominique Maingueneau, temos dois tipos de destacabilidade enunciativa: enunciados destacados por natureza que não emergem de um texto ou contexto particular, como é o caso dos *slogans*, provérbios, manchetes de artigos da imprensa, máximas, intertítulos, citações célebres etc; e os enunciados que são extraídos de um texto ou contexto, em que o fragmento passa a circular, obedecendo à lógica citação. Esse processo discursivo se dá a partir da noção de destacabilidade dos enunciados e de outros fenômenos envolvidos, como: sobreasseveração, aforização entre outros.

²Este trabalho inscreve-se nas discussões do Laboratório de Estudos Epistemológicos e de Discursividades Multimodais – LEEDIM-UFSCar-CNPq – coordenado pelo Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas.

Em *Citação e destacabilidade* (Maingueneau, 2008a), apresenta-se um estudo sobre os enunciados curtos que circulam nas práticas discursivas sociais e seu respectivo funcionamento. Para o autor:

Podemos partir de uma constatação banal: na sociedade, circula um grande número de enunciados que podemos designar pelo termo vago de *fórmulas*, ou seja, enunciados curtos, cujo significante e cujo significado são considerados no interior de uma organização pregnante [pela prosódia, rimas internas, metáforas, antíteses...], o que explica que sejam facilmente memorizados. Algumas dessas fórmulas circulam no interior de uma comunidade mais ou menos restrita [uma seita, uma disciplina acadêmica...]; outras são conhecidas por um grande número de locutores espalhados em vários setores do espaço social. São exemplos, no espaço de falantes do francês, “Aquilo que se concebe bem se enuncia claramente” [Boileau], “E se resta apenas um, este serei eu” [Victor Hugo] etc. O rótulo bem impreciso de “citação célebre” convém a esse tipo de fórmula.

Na verdade, essas citações podem fazer parte de dois tipos diferentes de funcionamento: existem fórmulas que funcionam como enunciados autônomos e fórmulas citadas para marcar um posicionamento específico que se opõe implicitamente a outros... (MAINGUENEAU, 2008a, p. 75).

Temos enunciados que se apresentam como destacáveis, provenientes de diversos textos como se fossem ‘reutilizáveis’ dentro de pré-requisitos funcionais no contexto memorável e disponível em outras situações enunciativas. No estudo sobre destacabilidade, Maingueneau (2008a) aborda questões sobre as máximas heroicas ao citar falas de personagens consagrados da Literatura Universal, *Cid de Corneille*, como exemplo, para elucidar um tipo de destacabilidade, à medida que são enunciados memoráveis e reutilizáveis. Maingueneau (2008a, p. 77) afirma que: “Essas máximas que se apresentam como destacáveis de seu cotexto se fundam, com efeito, na combinação aparentemente paradoxal de duas propriedades [...]”, sendo que essas propriedades precisam ser observadas como inéditas e imemoriais, ou seja, precisam ter um caráter enunciativo “original”, “novo”. Já ao tratar das fórmulas filosóficas, Maingueneau (2008a) cita alguns elementos que podem identificar sua destacabilidade como:

- Pelo paratexto: ao fazer dele um título [“O existencialismo é um humanismo”] ou um intertítulo;
- Ao longo do texto propriamente dito: ao lhe destinar uma posição relevante [em particular, mas não apenas, em posição inicial ou final];
- Pela embreagem enunciativa: ao lhe conferir um valor generalizante ou genérico;

- Por uma estruturação pregnante de seu significante [simetria, silepse...] e/ou de seu significado [metáfora, quiasmo...];
- Pelo metadiscorso: ao explicitar uma operação que confere um papel-chave a este ou àquele enunciado [por exemplo, por uma retomada categorizada: “essa verdade essencial...”]. (MAINGUENEAU, 2008a, p.79-80)

No capítulo *Aforização – enunciados sem texto?*, presente em *Doze Conceitos em Análise do Discurso*, Maingueneau (2010a) afirma que certas enunciações se apresentam como destacáveis, as quais ele propõe chamar de sobreasseveração ao se tratar

[...] somente de uma operação de destaque do trecho que é operada em relação ao restante dos enunciados, por meio de marcadores diversos: de ordem aspectual (genericidade), tipográfica (posição de destaque dentro de uma unidade textual), prosódica (insistência), sintática (construção de uma forma pregnante), semântica (recurso aos tropos), lexical (utilização de conectores de reformulação)...

A comparação entre enunciados destacados e sua contrapartida – sobreasseverada ou não – no texto de que eles são extraídos mostra que, na maior parte das vezes, o enunciado sofre uma alteração quando é destacado. A alteração pode ser mais ou menos importante [...] (MAINGUENEAU, 2010a, p. 11).

Nas suas análises sobre sobreasseveração, Maingueneau (2010a) detecta diferenças em alguns enunciados destacáveis, ele especifica que a sobreasseveração e os enunciados destacados apresentam suas especificidades pragmáticas distintas, já que “[...] os enunciados destacados decorrem de um regime de enunciação específico” (MAINGUENEAU, 2010a, p.12), que propõe chamar de “enunciação aforizante”. Precisamos deixar claro que a sobreasseveração, por meio dos mecanismos linguísticos, destaca um enunciado de seu fundo textual, além de ser uma das estratégias da aforização, já a enunciação aforizante se compõe de enunciados destacados (enunciação destacável).

Maingueneau (2010a, p. 12) afirma que “[...] entre uma ‘aforização’ e um texto não há uma diferença de dimensão, mas de ordem”. Ele apresenta um esquema desses conceitos. Vejamos:



O autor distingue dois tipos de regimes de enunciação para analisar os fenômenos dos enunciados destacáveis, a enunciação aforizante e a enunciação textualizante, ambas se apresentam de maneira distinta, segundo o posicionamento pelo qual o sujeito se encontra, ou seja, os regimes distintos de subjetivação. Na enunciação textualizante temos uma inserção enunciativa dentro de um gênero de discursivo, já a enunciação aforizante independe do gênero, “[...] a enunciação aforizante não entra na lógica do texto e do gênero do discurso, mas ela é inevitavelmente proferida em um texto” (MAINGUENEAU, 2010a, p.17). Nesse capítulo, Maingueneau descreve um estudo teórico e metodológico sobre esses dois tipos de enunciação ao longo de seu trabalho. Destacamos uma de suas explicações:

Todo gênero de discurso define duas posições correlativas, de produção e de recepção, em interação e especificadas pelas restrições da cena genérica. O que faz com que possamos falar de “papéis”. Poderíamos também dizer que na textualização não nos relacionamos com Sujeitos, mas com facetas, aquelas que são pertinentes para a cena verbal, onde a responsabilidade do dizer é partilhada e negociada. Na enunciação aforizante, em contrapartida, não há posições correlativas, mas uma instância que fala a uma espécie de “auditório universal” (Perelman), que não se reduz a um destinatário localmente especificado: a aforização institui uma cena de fala onde não há interação entre dois protagonistas colocados num mesmo plano. O locutor não é apreendido por tais ou tais facetas, mas em sua plenitude imaginária: não há ruptura entre uma instância fora da enunciação e uma instância que é um papel discursivo. É o próprio indivíduo que se exprime, além/aquém de todo papel, “ele mesmo”, de alguma forma. Fundamentalmente monolocal, a aforização tem como efeito **centrar a enunciação no locutor**. (MAINGUENEAU, 2010a, p.13; grifo nosso).

A “teoria da aforização” proposta por Maingueneau embora extremamente pertinente para dar conta do funcionamento midiático contemporâneo, ainda não foi testada em dados de mídia histórica. A mobilização de dados de natureza diacrônica pode infirmar ou confirmar muitas das hipóteses teóricas postuladas por Maingueneau em seu aporte sobre as “frases sem texto”, sobretudo, no tocante ao fato de que a circulação de uma pequena frase está diretamente relacionada com o avanço das novas tecnologias digitais. Ademais, o estudo poderá evidenciar em que medida a mídia teve/tem papel de protagonista na transformação dos objetos discursivos dados a ler em acontecimentos históricos.

Resolve-me ou te devoro: um caso de aforização

É salutar estudar os fenômenos linguísticos do Brasil através dos jornais. Em cada página encontramos aspectos relevantes da vida de nossos precursores, que permitem restaurar suas lutas, ideais, compromissos e interesses. Fonte das mais férteis para o conhecimento do passado, a imprensa proporciona ao pesquisador acompanhar o percurso dos homens através dos tempos. O periódico é reconhecido como material de pesquisa valioso para estudo de uma época. A imprensa registra, comenta e participa da história, de uma sociedade. Segundo Capellato (1998, p. 13),

[...] através dela se trava uma constante batalha pela conquista dos corações e mentes – essa expressão de Clóvis Rossi define bem a atividade jornalística. Compete ao leitor reconstruir os lances e peripécias dessa batalha cotidiana na qual se envolvem múltiplas personagens.

Acompanhar a trajetória sinuosa dos sujeitos da produção jornalística é tarefa complexa. Para compreender a participação de um jornal na história, o pesquisador faz, de início, algumas indagações: quem são seus proprietários? A quem se dirige? Com quais objetivos e quais são os recursos utilizados na batalha pela conquista de corações e mentes? Com esses dados preliminares é possível delinear um perfil provisório do periódico eleito como objeto/fonte de estudo. (CAPELLATO, 1998, p. 13-35).

Desse modo, apresentamos um “micro esboço” de nossa análise, a partir dos estudos engendrados pelo teórico francês Dominique Maingueneau e do pesquisador brasileiro Baronas sobre a enunciação aforizante. Para tanto, temos um recorte da litografia presente na capa da Revista *Illustrada* da edição número 640, ano 17, vejamos:

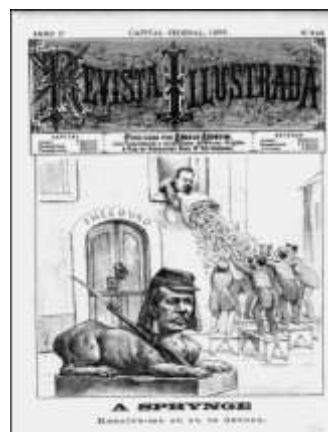


Figura 1

Na capa da litografia da Revista *Ilustrada*, observarmos um enunciado com fortes tendências à destacabilidade, pois é um enunciado que traz algo de uma memória histórica, em que há uma retomada icônica e enunciativa³ da clássica Esfinge grega que pergunta a todos que passam pelo labirinto mais famoso da história, conhecido como o enigma da esfinge, “decifra-me ou devoro-te” e, além disso, tal enunciado está em último plano no texto, algo que na maioria das vezes favorece o destacamento. Assim, no enunciado destacável – “Resolve-me ou te devoro” – temos uma destacabilidade de dois enunciados (imagético e verbal), “[...] que se apresentam como autônomos, de um ponto de vista textual (não é necessário levar em conta o que se precede e o que se segue para compreendê-los) e de um ponto de vista enunciativo (são generalizações)” (MAINGUENEAU, 2012a, p.112). Maingueneau (2012a) refere-se a uma enunciação aforizante secundária (destacada de um texto), que apresenta um enunciado mergulhado tanto no enquadramento sapiencial como no enquadramento histórico, à medida que na enunciação sapiencial há o enquadramento hermenêutico em que

[...] o destinatário explora ao máximo as potencialidades da enunciação aforizante. Ele se obriga a identificar um sentido oculto, uma “mensagem” que se supõe importante, emitida por uma autoridade. Este é o caso em particular no domínio religioso, literário, filosófico... *O Evangelho, O Corão, A Odisséia*, as obras de Platão ou de Shakespeare. Relacionamos o enunciado a uma visão de mundo singular, que se revela através de signos fundamentalmente equívocos. (MAINGUENEAU, 2012a, p. 124).

No plano histórico, a aforização de Ângelo Agostini nesta capa litográfica “Resolve-me ou te devoro” remete-nos ao texto-fonte⁴, mais especificamente, na literatura clássica de uma peça de teatro

³Para esta análise selecionamos textos verbo-visuais pela sua função enunciativa/icônica e por circularem em diferentes lugares discursivos, à medida que nesses espaços confrontam-se e/ou interagem discursos de diferentes gêneros, chamado pelo teórico Maingueneau (2008a) de campo discursivo, que ocorrem independentemente de seus suportes ou canais de comunicação. Nesta análise, propomos colocar em relação aos discursos os quais advêm de diferentes campos discursivos: o literário, o jornalístico/Revista *Ilustrada*, o artístico/pintura de J. D. Ingres e a litografia de Ângelo Agostini. Dentro desses espaços discursivos haverá uma ligação desses discursos, por estarem dentro de um campo discursivo que desemboca em um universo discursivo. Em nossa análise será possível ver alguns campos discursivos, como o literário, o jornalístico, o pictórico. Dentro desses campos, visualizaremos a relação de espaços discursivos que basicamente colocaram o discurso original da pequena frase destacada em confluência com outros discursos.

⁴ Temos uma sobreasseveração destacada nesta análise, pois encontramos um enunciado extraído de um texto. “Muitas vezes, essa extração não é feita ao acaso, porque alguns fragmentos do texto-fonte são apresentados pela enunciação como *destacáveis*” (MAINGUENEAU, 2012a, p. 111).

grega, uma tragédia, escrita por Sófocles por volta de 427 a.C., em que temos uma narrativa mítica do personagem central, Édipo Rei⁵ que foi sentenciado por uma maldição desde seu nascimento.

Ademais, outro fator de destacabilidade desse enunciado “Resolve-me ou te devoro” é que pode ocupar o título; pode apresentar uma estrutura linguística de fácil memorização por ser curta, conhecida, deslocada do seu texto-fonte ocupando uma posição de destaque do seu aforizador Ângelo Agostini. Esse destaque tem como intuito apresentar uma crítica ao governo do Marechal Floriano Peixoto, motivada por uma crise financeira a qual o país enfrentava nos seus primeiros anos de governo republicano, questões ilícitas referentes ao dinheiro público e por seu despotismo.

Enunciados destacados podem sofrer alterações quando extraído do texto-fonte, no texto clássico de Sófocles, por exemplo, a famosa esfinge sentencia os viajantes com a seguinte indagação, *decifra-me ou devoro-te*. Já no texto de Ângelo Agostini temos uma pequena alteração do verbo “resolver”, que dá lugar a “decifrar”: “*Resolve-me ou te devoro*”. Essa mudança lexical (decifrar para resolver) altera o sentido do enunciado original, produzindo novos sentidos, uma vez que sinaliza uma situação político-econômica instável, de difícil compreensão do Brasil da época, e legítima quem enuncia. Sobre a destacabilidade de enunciados extraídos de textos literários, Maingueneau (2012a, p. 112) comenta que

[...] Mas não é necessário explorar a literatura clássica para encontrar os enunciados destacáveis. Eles estão em toda parte ao nosso redor: desde as conversas mais comuns até os textos mais rigidamente controlados. Evidentemente, a marca do destaque sofre variação: o oral e o escrito, em particular, mobilizam recursos diferentes.

Na litografia em análise é perceptível a destacabilidade de um enunciado atribuído a uma passagem do texto pertencente a tragédia grega *Édipo Rei*, que propicia ao leitor uma(s) percepção(ões) político-ideológica(s) pertencente ao período de 1892. Nesse período, as condições de produção histórico-conjunturais em que se encontram os discursos do jornal referem-se ao que ficou conhecido como República Velha, em que prevaleceu o chamado sistema oligárquico, ou seja, com discursos dominantes ideologicamente de direcionamento

⁵ De toda a narrativa, interessa-nos aqui o encontro de Édipo com a Esfinge, monstro metade leão e metade mulher que apresentava um enigma aos viajantes, e devorava aqueles que não o decifrasse. Até aquele momento ninguém havia conseguido responder à questão: “Qual é o ser que anda de manhã com quatro patas, no meio do dia com duas, e à tarde com três, e que, contrariamente, à lei geral, é mais fraco quando tem mais de três pernas?”, até que Édipo responde: “É o homem, disse, que quando pequeno engatinha sobre os quatro membros, quando adulto usa as duas pernas, depois de velho caminha apoiado a uma bengala” (SÓFOCLES, p. 197). A esfinge atirou-se do alto de um rochedo e morreu.

altamente conservador. No Brasil, as oligarquias eram formadas por famílias de grandes proprietários de terras. No início, militares e oligarcas disputaram o poder⁶.

Nas páginas da *Revista Illustrada* de 1892, número 640, encontramos textos que relatam esses fatos ocorridos no começo do primeiro parágrafo com o título *A eleição presidencial* e na seção *ECHOS E NOTAS*. Vejamos os fragmentos transcritos⁷ da litografia seguinte:



Figura 2

Também o Sr. Floriano Peixoto e mestre Vinhaes são ambos amigos do Sr. bi-ministro tia marinha. Esta trindade, comquanto não seja a religiosa, nem por isso deixa de ser a gloriosa. Homens validos todos elles, com boas disposições para as arcas do thesouro, banco dos operários e quejandas farolices, ainda não desmentiram as tradições gregorianas. Voltem-lhes as costas e depois....

critiquem a obstinação de uns officiaesinhos, que estão chorando pitanga por causada disciplina; ataquem impiedosos ao Sr. Thaumaturgo, governador do Amazonas, que se finge surdo ás cantatas de seus superiores, ás do governo, e substituam a sacramental phrase: "vintém poupado, vintém ganho", cunhada em nossa moeda, por esta, muito mais incisiva e gostosa, "sem dictadura não ha governo, nem ordem, nem povo". (REVISTA *ILLUSTRADA*, 1892, p. 02).

⁶ A disputa desenrolou-se no decorrer dos dois primeiros governos da República, presidido por dois militares: Marechal Deodoro da Fonseca, que governou de novembro de 1889 a novembro de 1891, e Marechal Floriano Peixoto, que governou de novembro de 1891 a novembro de 1894. Essa edição é datada de março de 1892, no qual Floriano Peixoto está transitoriamente no poder, sendo que, em tal condição, ele deveria realizar uma nova convocação para eleições diretas após a renúncia do presidente Deodoro da Fonseca. O presidente Marechal autoritário, contrariando o dispositivo constitucional, recusa-se a abrir mão do poder. Em 21 de março de 1892, oficiais do Exército e da Marinha lançam manifesto questionando a legitimidade da sua permanência como presidente. Pouco depois, altos oficiais militares, senadores, homens de negócios e jornalistas apresentam oposições também contra Floriano Peixoto. Estes seriam detidos por ordem do Marechal. "Em 18 de abril Rui Barbosa entra no Supremo Tribunal Federal com pedido de *habeas-corpus* em favor dos presos - o primeiro sobre matéria política impetrado naquele órgão. A petição é negada e vários deles são deportados para o Alto Amazonas". ([http:// www.projetomemoria.art.br/RuiBarbosa/](http://www.projetomemoria.art.br/RuiBarbosa/)>Acesso em: 21 out. 2013)

⁷ Optamos por transcrever o texto em sua grafia original.

Maingueneau (2012a) descreve um enquadramento interpretativo dividido em: regime de atualidade (informacional, testemunhal, acional) e o regime memorial subdividido em histórico e sapiencial (moralista e hermenêutico). Na análise em questão, podemos enquadrar esses enunciados destacáveis: verbalmente (Resolve-me ou te devoro) e pictoriamente (representação imagética dessa pequena frase), dentro do enquadramento histórico e sapiencial (hermenêutico). A aforização de Ângelo Agostini “resolve-me ou te devoro” (escrita na litografia de 1892, na Revista *Illustrada*) é associada ao momento político-econômico vivenciado no país no governo do vice-presidente Floriano Peixoto,

[...] o intérprete deve determinar, através de um enquadramento histórico, aquilo que o personagem “quis dizer” na situação, que ato de fala realizou, que implícitos o destinatário imediato teve que supor: “dizendo P, o locutor quer provocar o efeito X”. Esse tipo de interpretação é particularmente frequente no campo político, no qual os comportamentos dos atores são sistematicamente decifrados em termos de objetivo e de estratégia. (MAINGUENEAU, 2012a, p. 123).

A frase associada ao texto imagético presente na litografia de Ângelo Agostini, desenhada em 1892, pode ser analisável no enquadramento sapiencial, mais especificamente, hermenêutico pela existência de um “Sujeito privilegiado” (MAINGUENEAU, 2012a, p. 123) ao acesso cultural⁸. Outro destaque que sobressai nessa litografia de Ângelo Agostini se refere também ao desenho da Esfinge, que retoma outras imagens retratadas na pintura, por exemplo, sobre essa emblemática figura descrita na clássica peça grega. Apresentamos uma pintura intitulada *Édipo expõe o enigma da Esfinge* (1808), de Jean-Auguste Dominique Ingres, que apresenta uma leitura imagética do texto *Édipo Rei*, de Sófocles, com riqueza de detalhes visuais da mitológica e enigmática esfinge grega, como se pode observar em seguida.

⁸Por exemplo, das produções artísticas de seu tempo expressas verbalmente ou nas pinturas, como é o caso de uma pintura como *Édipo expõe o enigma da Esfinge*, de Jean-Auguste Dominique Ingres, datada de 1808, possivelmente o ilustrador teve contato pela sua formação intelectual e artística em Paris, que era um ponto central cultural efervescente na Europa, sendo demasiadamente influenciável para a construção do trabalho do jornalista.



Figura 3

A clareza pictórica desse quadro nos remete à ilustração litográfica da revista *Ilustrada*⁹ em que há uma representação icônica do presidente Marechal Floriano Peixoto, por meio da representação da figura da Esfinge que tem elemento corpóreo trocado como: a cabeça do Marechal no lugar da cabeça feminina; acréscimos de novos elementos, a esfinge segura uma arma militar (rifle) e usa um chapéu típico dos soldados da época. Essa releitura traz novas significações, por meio do uso do enunciado aforizante presente tanto no texto¹⁰ verbal – “Resolve-me ou te devoro” – como no texto verbo-visual – a Esfinge –, temos aqui um exemplo do interdiscurso, que só pode ser compreendido na sua relação com os outros discursos, que permitam a incursão, produção, circulação desses enunciados em análise. Maingueneau (2008b, p. 119), comenta nas primeiras linhas do seu texto que “[...] a passagem de um discurso a outro é acompanhada de uma mudança na estrutura e no funcionamento dos grupos que gerem esses discursos. Não é mesmo tipo de organizações que se desenham em um e em outro caso, nem se trata dos mesmos protagonistas [...]”.

Podemos concluir que dentro de um espaço discursivo haverá a ligação de pelo menos dois discursos, estes estarão dentro de um campo discursivo, que por sua vez fará parte de um universo discursivo. Dentro desses campos discriminados em nossa análise, registramos a relação de espaços discursivos que basicamente colocaram o discurso original da pequena frase em confluência com outros discursos.

⁹Podemos destacar que caberia aqui, nessa análise imagética, averiguarmos a dimensão dialógica da discursividade presente na obra de J. D. Ingres e de Ângelo Agostini, por meio das marcas discursivas deixadas pelos enunciadores produzindo sentidos convergentes e/ou divergentes.

¹⁰Maingueneau (2008b, p. 139) faz uma ressalva ao se referir sobre “texto” como “[...] os diversos tipos de produções semióticas que pertencem a uma prática discursiva. Fazendo isso, conformamo-nos, aliás, a um uso cada vez mais comum nas ciências humanas, nas quais se fala constantemente de ‘texto’, ou até de ‘discurso’ musical, pictórico, arquitetônico [...]”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINI, A. *Revista Illustrada*. Capital Federal: 1892. Anno. 17. Número: 640.

BARBOSA, R. *Projeto memória*. Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/RuiBarbosa/>> Acesso em: 10 jun. 2014

BARONAS, R. *Ensaio em análise do discurso: questões analítico-teóricas*. São Carlos, SP: EDUFSCar: 2011.

BARREIROS, R. *A presença de romances na Revista Illustrada*. Campinas, SP. 2009. Dissertação de mestrado. UNICAMP.

CAPELLATO, M. H. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto. 1998.

INGRES. J. A. D. *Édipo expõe o enigma da Esfinge*. Musée du Louvre, Paris, 1808. Disponível em <http://www.fflch.usp.br/dh/heros/personas/grecia/mitica/edipo/ensaios/heroico_morte.htm/> Acesso em: 21 out. 2014.

LOPES, A. E. M. *Dois caricaturistas entre a memória e o esquecimento: Angelo Agostini (1843-1910) e Eduardo Chapon (1852-1903)*. Revista Estudos Históricos. Rivera/Uruguay, n. 3, dezembro de 2009, p.01-23. Disponível em: <www.estudioshistoricos.org> Acesso em: 20 abr. 2014.

MAINGUENEAU, D. Aforização: enunciados sem texto? In: _____. *Doze conceitos em análise do discurso*. Org. Sírio Possenti e Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2010a.

_____. Citação e destacabilidade. In: _____. *Cenas da enunciação*. Org. Sírio Possenti e Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva. Curitiba, PR: Criar Edições, 2008a.

_____. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. Curitiba, PR: Criar Edições, 2008b.

_____. Texto, gênero de discurso e aforização. Trad. Ana Raquel Motta. In: BRAIT, B e SOUZA-E-SILVA, M. C. (Org.). *Texto ou discurso?* São Paulo: Contexto, 2012a.

SÓFOCLES. *Édipo rei*. Trad. Donaldo Schüler. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.